

RESULTADOS OBTIDOS COM O USO DA TOXINA BOTULÍNICA TIPO A NA ESPASTICIDADE DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL

Patrícia Dolfini: Vinicius Pereira Arantes; Marcelo Antônio Dubuc
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - São Paulo

Geraldo Emílio Vicentini (Orientador)
UNIPAR - Universidade Paranaense, Paranavai - São Paulo

A espasticidade é definida como um aumento da resistência muscular ao movimento, com exacerbação dos reflexos profundos, resultante de paralisia cerebral e outras doenças neurológicas. A espasticidade se associa dentro da síndrome do neurônio motor superior, com presença de fraqueza muscular, hiperreflexia profunda e reflexos cutâneo-musculares patológicos, como o sinal de Babinski. Entretanto vários estudos têm sugerido que injeções intramusculares de toxina botulínica tipo A combinada com a fisioterapia pode ser tanto seguro quanto eficiente no alívio da espasticidade. Este trabalho tem como proposta apresentar uma revisão atualizada da literatura quanto a utilização da toxina botulínica tipo A na espasticidade de crianças com paralisia cerebral, com objetivo de determinar com maior precisão as indicações da toxina botulínica tipo A e obter informações sobre as doses mais adequadas, a forma de aplicação, tempo de atuação, efeitos colaterais, contra-indicações e a combinação da fisioterapia. O tratamento da toxina botulínica tipo A repercutiu em um avanço para a terapêutica da espasticidade, uma vez que constitui um procedimento bem tolerado, seguro e eficaz dentro das estratégias atuais para o tratamento da espasticidade, possibilitando programas de tratamento mais avançados, assim, proporcionando maior independência e melhor qualidade de vida a estes pacientes, mesmo que por um período curto de tempo. Nesta revisão da literatura pode-se concluir que o uso da toxina botulínica tipo A associada ao tratamento fisioterapêutico apresenta benefícios sobre a espasticidade de crianças com paralisia cerebral, oferecendo assim a possibilidade de uma melhor qualidade de vida aos pacientes espásticos. Mas, devido ser uma opção nova de tratamento, há necessidade do desenvolvimento de novos trabalhos a respeito dos resultados do tratamento com toxina botulínica tipo A em longo prazo e sobre a presença de possíveis anticorpos a toxina.

pado@wnet.com.br; geraldo@unipar.br